

Encarte Especial

Não pode ser vendido
separadamente

Journal
contato

Taubaté 362 anos

Arte e Identidade

Depoimentos exclusivos de Renato Teixeira e Geni Marcondes (música), Zé Demétrio e Fernando Ito (escultura), Toninho Mendes sobre Mestre Justino e Adão Silvério (pintura) são analisados por José Carlos Sebe Bom Meihy.

Taubaté, uma feliz cidade

Feliz da cidade que tem filhos, naturais e por ela adotados, ilustres e anônimos, participando de sua construção e escrevendo sua história com honradez, ordem e trabalho.

Feliz da cidade que é rica historicamente e preserva a cultura de seu povo.

Feliz da cidade que faz a todos ver na imagem do Cristo Redentor de braços abertos “no alto da colina” a mansidão e a qualidade de vida dos que nela nasceram ou a escolheram para viver. Feliz da cidade que ao completar 362 anos mantém vivos os ideais de seus pioneiros e segue determinada e incansável no seu desenvolvimento e na luta pelo bem-estar de sua gente.

A Câmara Municipal orgulha-se de ser parte da história de sua terra.

Parabéns, Taubaté! Parabéns, Povo de Taubaté!





Eterna Romaria

Por Renato Teixeira

Renato Teixeira era a encarnação da timidez. Até hoje, ele não sabe como foi que conseguiu participar do programa de auditório Oliveira Meireles, da Rádio Cacique de Taubaté, e cantar Bat Masterson em português. Tinho Dias, então capitão da empresa que tinha mais de 200 salas de cinema espalhadas pelo Vale, Sul de Minas, Serra e Litoral, apresentou-o ao som de alta qualidade. Era tempo de High Fidelity, ou simplesmente HiFi. Ali, conheceu e se apaixonou por Nat King Cole, Frank Sinatra, Operetas de Cole Porter, Harry Belafonte, orquestras e os melhores cantores da época.

“Não podemos esquecer que a desinformação cria um vácuo irremediável na formação cultural do cidadão” diz Renato Teixeira para se contrapor à visão, talvez preconceituosa, de que música caipira é pobre culturalmente. A prova pode começar a ser creditada à gravação da música Amanheceu, Peguei a Viola, de abertura do Som Brasil, programa comandado por Lima Duarte, com arranjo de Walter Arid, músico de primeira grandeza e bandleader do saudoso conjunto Ritmos OK, com quem “dançamos e aprendemos”.

O depoimento exclusivo do autor de Romaria para CONTATO poderá ser lido na íntegra no site www.jornalcontato.com.br. Seguem os melhores momentos do que caracteriza sua identidade com Taubaté por ocasião do seu 362º aniversário.

De Anacleto Rosas a Carlos Drumond de Andrade

“Os Três Turunas cantavam a obra de Anacleto Rosas que todo dia cedinho acordava a mulherada para que preparasse o café do marido, que já era hora de levar os latões de leite pra portêra pra mode u caminhão pegá. Depois que Creuza saiu, os Turunas se transformaram em dois: Luiz e Teodoro.

Eu era o locutor da Rádio Cultura e Teodoro Israel o discotecário. Eu falava de MPB, Jobim, Bossa Nova, música de protesto, Nara e os sambas dos morros cariocas, Chico Buarque chegando, Caetano sobrevoando, o show de Gil no salão nobre num domingo de manhã no TCC, sem microfone, só voz e violão. Foi lindo.

Teodoro respondia que o universo musical dele era tão bonito quanto aquele que eu estava anunciando. E me mostrava a obra do Anacleto, os discos dos Turunas gravados pela Chanteclaire, as músicas de Ted Vieira, Raul Torres, João Pacífico, Tonico e Tinoco, Vieira e Vieirinha, Tião Carreiro e Pardinho.

Tião Carreiro sempre esteve presente como referência da música caipira e hoje, somadas todas as informações e enxergando melhor o panorama, percebo que o feitiço do Tião, além da voz e da viola, eram as histórias que ele contava em suas canções. Casos complexos de raptos amorosos, vinganças exemplares, um mundo de acontecimentos quase jornalísticos narrados pelos versos de seus parceiros, como Lourival dos Santos. Seu Zico, amante da música caipira e ativo participante de grupos de violeiros, catiteiros e tudo que se relacionasse diretamente com o mais puro e original som dos caipiras, era pai de uma grande ninhada de filhos na maioria meus amigos eternos e foi ele quem me mostrou o lado mais profundo, mais radical das origens da música caipira.

Tudo isso pesou na minha formação, pois acabei fundindo um pouco de MPB e um pouco da música da cultura caipira para desenvolver meu trabalho. Teodoro Israel guiou meus primeiros passos nessa direção. Assim como Ernani Shicker que dava aulas de inglês e era especialista na garimpagem das mais belas canções. Da renascença ao rock, era um mestre, um descobridor de pérolas.

Descobri Fernando Pessoa, Manoel Bandeira, Vinicius [de Moraes], [Carlos] Drumond [de Andrade], Cecília Meireles e muitos outros. E passei a valorizar cada vez mais particularidades como minha relação com os ensinamentos de Cesídio Ambrogli, na sua coluna “Samburá de Cipó Chumbo” publicada na Tribuna. Sendo um discípulo das orientações técnicas e espirituais de Cesídio, como poderia eu ser outra coisa que não o cantor da minha terra?

Talvez, por tudo isso, sempre estive focado na cultura moderna brasileira e nas suas tradições mais puras, como figureiros

e danças africanas que eu gostava de ver. Em seguida, o contato com Graciliano, Guimarães Rosa, os filmes de Glauber, me abriram novos horizontes, sem nunca esquecer da grandeza de Lobato”.



Compositor e Cantor Renato Teixeira foto de Tomás May

Skema Um

“Minha estréia em São Paulo foi no teatro Paramount com o Skema. Um conjunto em que eu era crooner, Agostinho Arid baterista, Murilo Mendes piano e seu irmão Mario Mendes contra baixo. Sucesso total. Mário chegou a ser convidado pelo maestro Severino Filho para tocar com os “Cariocas”. Murilinho foi tocar com o anjos, também perdi o contato com o Mário e hoje só me relaciono com o Agostinho que foi o único, além de mim, a desenvolver uma carreira musical.

Tudo isso carecia de uma liga que unisse todas essas referências que a cidade me dava e me transformasse num compositor popular. Noites sem fim na casa de Seu Nabi e dona Nair, pais festeiros de Sheila, Denise, Simone e Kátia. Era lá que a gente se reunia para tocar e festejar e ouvir alguns conselhos ortográficos de dona Judith Mazzela Moura.

No ateliê do arquiteto Romeu Simi discutíamos nossos valores estéticos e ampliávamos nossos limites intelectuais. Justino, Demétrio, Viola, dona Edwiges, o morro da Imaculada com suas danças e tradições seculares passaram a fazer parte das coisas que entendíamos como a verdadeira cultura popular da nossa cidade.

Outros acontecimentos ajudariam a formatar o universo musical de nossa cidade, já que ao longo dos anos temos nos destacado na música brasileira de maneira diferenciada. Celly se tornou uma divisora de águas; com ela, a música pop no Brasil começa a desenhar seus contornos. Ela é a nossa primeira grande estrela de televisão. A Hebe, antes de apresentadora, foi uma cantora expressiva, de voz cristalina.

A cidade me deu subsídios concretos e eficientes para que eu pudesse começar minha carreira. Nada me faltou, tudo que eu precisava ouvir eu ouvi e tudo que eu precisava ler naquele momento, eu li. Na época não sabia que certas coisas estavam entrando em minha vida para não mais sair”.

Parabéns Taubaté,
362 anos de progresso!

A Unimed faz parte
deste sucesso.



Geny Marcondes

Multimídia precursora

Por Pedro Rubim

Em depoimento exclusivo para essa edição histórica, a pianista, compositora, apresentadora de programas de rádio, essa jovem senhora de 91 anos conheceu o sucesso na Europa, atuou com os melhores nomes da dramaturgia e da música popular brasileira, até o momento em que decidiu voltar para suas raízes que alimentam sua identidade: Taubaté

“As meninas pobres sonhavam em ser novas Guiomar Novaes e viverem suas glórias”, lembra com nostalgia a multimídia Geny Marcondes ao recordar que pertencia à ala pobre de Taubaté, formada pelos que comem pão preto, segundo o saudoso professor Gentil de Camargo. E continua a recordar:

“Quando retornei para Taubaté, voltei muito a esse passado, como acontece com todas as pessoas de idade. Minha vivência volta para época em que eu era menina, moça....

Lembro-me da primeira casa em que vivi, era na Rua Carneiro de Souza, em frente à rua Quinze [de Novembro], com uma enorme jabuticabeira no fundo do quintal.

Quem influenciou minha formação foi minha mãe, D. Ada. Ela foi minha alavanca. Imigrante, nacionalizada, pintava e escrevia lindamente. A maior influência que tive desde que nasci foi dessa mulher. Nunca entrou um vintém do meu pai em casa. Minha mãe era a provedora, pintando, costurando e lecionando. Era talvez a única professora a ir a pé para as escolas em que lecionava. Era uma andarilha. Nunca pôde pagar uma charrete para levá-la para as escolas longínquas. Com sol ou chuva, lá ia ela com seu enorme guarda-chuva preto. Taubaté é a minha mãe.

Taubaté também foi Dona Escolástica Vieira, minha professora de piano. Fêgo Camargo exerceu grande influência na minha vida musical. Acompanhei-o todas as vezes que ele se apresentava. Eu sabia tocar de cor todas as suas músicas. O Fêgo não foi compreendido em Taubaté. Daí entra o preconceito do burguês contra o artista. Como não era um burguês típico no meio da burguesada de Taubaté, ele era incompreendido e mal avaliado.

Naquela época, eu dividia minha vida de duas maneiras: às tardes eram as visitas que eu fazia todos os dias à casa do Fêgo, para tomar café preto com pão sem manteiga. Ele era muito pobrezinho. E à noite, eram as visitas que eu fazia às filhas do seu Juquinha Sacristão. As moças tocavam piano, cantavam, estavam a par de todas as músicas modernas enviadas pelas primas do Rio [de Janeiro]. Lá, conheci os tangos de [Ernesto] Nazaré através da filha mais velha.

Havia um vizinho, Dr. Bitencourt, [que] era dentista. Fui lá para tratar meu dente e fiquei encantada... No escritório dele havia estantes do teto ao chão, cheias de livros. Ah! Eu ficava doida... Era como se eu estivesse na caverna de Ali Babá! Eu ia lá todos os dias, li toda a coleção de livros do Dr. Bitencourt. Uma vez, ainda mocinha, li “De Profundis” de Oscar Wilde. Eu era muito inventadeira. Desde criança criava espetáculos musicados, apresentados com figurinos de papel. Minha família e os vizinhos eram os espectadores. Queria saber tudo...”

A inquietação e a procura de horizontes maiores levaram Geny a sair de Taubaté. Estudou piano em São Paulo, onde se formou no Conservatório Dramático e Musical. Foi aluna de Magdalena Tagliaferro. Conheceu Hans Joachim Koellreutter, inovador músico alemão, com quem se casaria. Geny passou a fazer parte do recém-lançado *Movimento Música Viva*, que Koellreutter formou ao lado de jovens compositores, intérpretes, musicólogos e professores.



1 - Tocando glocken-spiel, espécie de xilofone de metal;

2 - Sua mãe Ada e sua tia Noêmia;

3 - Estreia no MEC, Geny está entre Tudi de Souza diretor geral e Renê Cave diretor artístico

Em 1946 foi contratada para criar e coordenar o setor infanto-juvenil da Rádio MEC, no Rio de Janeiro. Mudou-se para lá de mala e cuia. Na rádio criou, com um grupo de diretores e atores, entre eles Fernanda Montenegro, o programa *O Reino da Alegria*, que foi ao ar diariamente durante quase vinte anos.

Em 1948, seu engajamento no *Movimento Música Viva* levou Geny e vários colegas à Europa, para realizar cursos no Centro Internazionale di Musica Contemporanea, em Milão, e para participar do XI Festival Internacional de Música Contemporânea da Bienal de Veneza, quando Koellreutter atuou como assistente de seu ex-professor, o regente Hermann Scherchen.

A carreira bem-sucedida na Europa teve continuidade no Rio de Janeiro onde compôs para teatro, cinema e televisão. Fez arranjos para Chico Buarque, Nara Leão, Maria Bethânia. Em plena ditadura, engajou-se no teatro de resistência musicando peças de Odvaldo Vianna Filho (Vianinha), Ferreira Goulart, João das Neves e Plínio Marcos. Foi correspondente de jornais, escreveu livros, voltou-se para as artes plásticas e teve obras premiadas.

Apesar do sucesso nacional e internacional, sua identidade com suas raízes falou mais forte. Segundo suas próprias palavras, “Eu virei uma carioca perfeita. Morei 50 anos no Rio. De uma certa forma, achava que Taubaté havia saído de mim. Adorei morar em Petrópolis. Meu sonho sempre foi esse. Meu filho e os netos são cariocas. A família que eu criei está no Rio. Mas meus laços com Taubaté são muito fortes, minhas raízes são firmes. Minha mãe, minha infância, minhas referências...”

E conclui: “Penso que se não é por essas coisas que voltei para Taubaté, para finalizar minha vida...”

"A CAIXA se orgulha de participar há 60 anos da história de Taubaté.

Parabéns Taubaté pelos seus 362 anos"

CAIXA

Autodidata, Adão não tem por hábito frequentar bibliotecas e conhece pouco a respeito de outros artistas, sejam acadêmicos, contemporâneos ou abstratos. Seu foco é a arte popular e por isso sua obra tem identidade própria, uma originalidade quase imaculada. Como é possível isso acontecer num mundo tão globalizado? Algumas pistas podem ser encontradas no depoimento exclusivo a Ana Lúcia Vianna e à pintora Rosana Simi, ex-aluna do pintor primitivista



Justem Figureiro, João Santo e Milton Guimarães. Esses artistas ensinavam suas técnicas de escultura e pintura a alunos de todo o Vale.

Alegre e simples em seus modos de homem interiorano, Adão mostrou algumas de suas pinturas em acrílico e guache, entre eles seu primeiro quadro, a vendinha “Santa Cruis”, aquele que foi pintado por estímulo de mestre Justino.

Apesar de autodidata, suas obras romperam muito cedo os limites regionais. Em 1965, apenas três após ter sido iniciado por Mestre Justino, Adão Silvério teve o quadro “Bateria de Fogos” selecionado para o 15º Salão de Arte Moderna de São Paulo. Um outro quadro foi o tema do calendário de 1983, da BASF, com mais de 20 mil exemplares distribuídos por todo o Brasil. A multinacional Monsanto também reconheceu seu valor ao incluí-lo no livro “Os 14 melhores pintores primitivos do Vale”.

Em 2000, na Bienal de Arte Naïf de Piracicaba, vendeu seu quadro para um francês, mesmo antes da inauguração da mostra. Lamenta quando constata que há um ano não tem pintado tanto quanto gostaria. Justifica-se dizendo que suas pinturas refletem seu interior e lembranças da infância, coisas simples, do cotidiano, que hoje estão desaparecendo e que precisa desta inspiração para pintar. Por isso mesmo, ele não entende porque somente a classe A admira seus quadros, nem a dificuldade de realizar exposições individuais em nossa região, porque haveria pouco espaço e interesse da população mais simples no tipo de arte que trabalha.

Cada quadro de Adão tem uma história pintada com cores fortes e vários elementos em movimento. Muitos contam “causos” que ouviu quando criança nas festas da cidade com a profundidade e o fundamento das histórias da roça, enquanto outros denunciam as agressões dos homens ao meio ambiente.

Considera-se fundamentalmente primitivo, pois seleciona elementos da tradição popular da sociedade caipira para pintá-los de forma poética, bem como por criar seus próprios recursos técnicos. A pintura a guache, por exemplo, é feita com seus dedos e é ele quem monta e emoldura suas telas.

Os especialistas classificam sua obra ora como primitiva ora como naïf. O naïf é a pintura que capta o instintivo, o ingênuo sobre qualquer tema, onde a realidade não é como se apresenta, mas como o artista a vê. Já o primitivo é aquele que seleciona elementos da tradição popular, geralmente é autodidata e cria os recursos técnicos com que trabalha.

Atualmente Adão é professor de arte na Fundação Cassiano Ricardo, em São José dos Campos e lamenta a falta de apoio por parte das autoridades aos artistas regionais ao dificultar sua participação ou até mesmo o envio dos quadros quando são convidados para as exposições locais ou em outras cidades.

Consciente do seu potencial, Adão acredita que nada impedirá que suas obras e as de outros artistas, chamados de primitivistas, tenham seu valor reconhecido. E revela o segredo da longevidade: nas exposições coletivas no Vale, sempre que pode, convida algum artista iniciante ou pouco conhecido para participar e assim ter chance de se revelar.



Tudo começou por uma obra do acaso. Lá pelos idos de 1962, com apenas 20 anos, Adão já sofria do problema crônico desta terra descoberta por Cabral: estava desempregado havia pouco tempo. Estava em Paraibuna à espera de um ônibus para voltar para casa quando, como de costume, começou a puxar prosa com um senhor magro que parecia padecer do mesmo problema. O estranho, de fala mansa, logo se apresentou: “Sebastião Justino, muito prazer”.

“Imediatamente, perguntou-lhe se era parente do pintor do quadro bonito, com muitos santos, que havia na Capela do Bairro da Piedade, em Redenção da Serra. “Nem imagina o susto que levei quando descobri que estava falando com o artista que já admirava”. Bastaram mais dois dedos de prosa para confessar a Justino que quando criança gostava de desenhar e fazer garatuja no chão.

Dito e feito. Assim que chegaram a Redenção, Justino lhe deu papel, alguns pincéis, tintas e guache, para que começasse a pintar. Adão não tinha a menor idéia do que fazer com as novas ferramentas que lhe eram postas nas mãos. Muito menos como começar a pintar a paisagem local que Justino lhe pediu. Relutou mais ainda porque não entendia como poderia pintar coisas que estavam em planos ou distâncias diferentes. Ali começaram seus primeiros passos quando num arroubo de coragem pintou a venda rodeada pela serra da Mantiqueira. Nascia ali uma amizade entre o admirador com seu primeiro mestre.

Assim como Justino, Adão nasceu no celeiro de artistas, a cidade inundada de Redenção da Serra. Mora atualmente em Eugênio de Mello, onde nos recebeu em sua casa simples na praça Nossa Senhora da Conceição. A conversa rolou do lado de fora, à beira de um fogão a lenha lugar preferido por Adão para pintar ao ar livre em dias ensolarados.

O artista recorda que percebeu que poderia desenvolver seu dom artístico sempre inspirado nas paisagens locais, nas danças, festas e cenas da cultura caipira. O próximo passo foi mudar-se para Taubaté onde passou a expor e vender seus quadros na praça da Igreja do Pilar, reduto dos artistas do Vale na década de 70. Logo foi incorporado ao chamado “grupo dos oito” do qual faziam parte João Fortes, Anderson Fabiano, Justino, Demétrio,



O melhor
Presente
é estar
Presente



www.taubateshopping.com.br



Obras de Mestre Justino: Mural para a Câmara Municipal de Taubaté



São José e Menino Jesus



Dança de Moçambique

MESTRE JUSTINO DO VALE DO PARAÍBA

Sebastião Justino Faria (1932 - 1994)

Por Ana Lúcia Vianna
colaborou Regina Morgado de Abreu

Figurativa, poética e, às vezes, expressionista são alguns adjetivos recorrentes para descrever a obra de Sebastião Justino Faria, ou Mestre Justino do Vale do Paraíba, como muitos preferem chamá-lo. Na década de 80, a doença mortal que o acometeu, a depressão e o sofrimento marcaram suas telas com cores fortes que expressam o tétrico da sua arte, segundo Toninho Mendes, seu fiel discípulo, em depoimento exclusivo a Ana Lúcia Vianna e Regina Morgado de Abreu, para essa edição especial

“É o nosso Portinari!” Assim expressou-se Toninho Mendes, artista e amigo pessoal de mestre Justino, ao aceitar nos falar sobre ele.

Toninho traçou o perfil de Justino da mesma forma leal que, após sua morte, restaurou seus murais ou os transferiu a outros locais, fazendo uma releitura sincera e personalizada de suas obras.

Justino nasceu na antiga cidade de Redenção da Serra entre morros verdes, águas limpas e festas de Santo Antônio. Amava as procissões com cavalos, as danças, o cotidiano da roça, as expressões de fé do seu povo. Muito religioso, aos sete anos já participava da decoração dos postes e bandeiras das festas da cidade.

Teve aulas de pintura com o pintor e poeta farmacêutico local Sr. Manoel Rocha Filho. Quando se mudou para Ribeirão Pires, utilizou sua habilidade em desenho nas cerâmicas de pinturas orientais. Não foi propriamente autodidata. Cursou Belas Artes em Santo André. Era assíduo freqüentador das bibliotecas onde se aproximou, em viagens de conhecimento artístico, dos grandes mestres com os quais se identificava: Portinari, Diego Rivera e Orozco. Sua identificação com estes artistas era através da expressão da arte popular. Em Portinari, admirava os pés grandes dos caboclos, pois acreditava que a força destes trabalhadores estava na terra onde aqueles pés fortes pisavam. Nos mexicanos, admirava a expressão do nacionalismo nos grandes painéis pintados nas paredes.

Adotou Taubaté como lar após a inundação de Redenção por não concordar com a arquitetura da nova cidade. Aqui, foi uma das molas mestras das artes, descobrindo e divulgando novos talentos. Incentivava criações de espaços culturais e exposições em locais anteriormente inatingíveis como a Igreja do Pilar. Valorizou o regionalismo, enalteceu o cotidiano dos tropeiros paulistas, as paisagens, o folclore, os costumes e a história do Vale. Seus quadros em óleo ou acrílico são vibrantes, com cores fortes onde predominam o vermelho, o verde e o azul. Em uma de suas fases há sempre um elemento vermelho em destaque.

Conheceu o mar já adulto levado por Romeu Simi Jr. até sua



Mestre Justino flagrado pelo pincel de Toninho Mendes quando pintava mural para a Câmara Municipal

casa em Ubatuba. Pintou várias marinhas mostrando também sua admiração pelo nosso litoral norte.

Justino identificava-se com tudo que se referia ao Vale do Paraíba bem como o que expressasse o nacionalismo progressista. Pintou murais sintetizados na figura de Monteiro Lobato e seus personagens adultos e infantis. Sua vibração chegou ao registro de protestos representando políticos reais na ação repressiva ao escritor.

O mito valeparaibano que Justino personaliza está eternizado em obras que se espalham por inúmeros acervos pessoais de acesso impossível. Desenhava e pintava muito rápido. Deixou mais de quatro mil obras, muitas doadas a amigos. Dizia que o artista precisava só de pão e do cavalete para viver.

Enérgico e exigente com seu trabalho, reclamava muito do que não lhe agradava. Como professor de pintura, durante trinta anos, em aulas particulares ou com o chamado “grupo dos oito”, transmitia a seus alunos todo seu conhecimento. Não se considerava disciplinado, preferia pintar à noite escutando música clássica. Era retraído, tímido, não queria perder sua maior característica, a simplicidade. No Natal enviava aos amigos cartões com motivos regionais, pintados de próprio punho, numa clara declaração de amor à vida simples da roça.

Aos 62 anos, nos deixou com suas pinturas carregadas de força celebrando o vigor inocente de pessoas e lugares que amava. Seu talento espontâneo espelhava seu interior, tanto que a dificuldade de visão por complicações da diabetes o conduziu a sua última fase da pintura, com figuras grandes e escuras, bem como ao diário “Páginas Negras”.

Toninho Mendes o acompanhou durante muito tempo. Mestre Justino lhe pediu para que cuidasse de seus painéis, pois tinha muito ciúme deles e lamentava não ter mais força física para restaurá-los.

Gostou tanto de uma camisa vermelha que Toninho usava ao visitá-lo no hospital que pediu para ser enterrado com ela, para que pudesse ser reconhecido no outro mundo, onde esperava ficar junto aos grandes mestres que tanto admirava.

A De Biasi é feita de
pessoas especiais.
Por isso, acredita
tanto no talento do
taubateanos.

Uma homenagem
De Biasi
auditor independentes
Aos 362 anos talentosos de Taubaté.
www.debiasi.com.br



Fernando Ito

46 anos, escultor

Por Ana Lúcia Vianna
colaborou Regina Morgado

Filho de comerciante, arquiteto pela Unitaú, presidente do Diretório Acadêmico, militante político e um dos lançadores e apoiadores de Bernardo Ortiz na sua primeira eleição a prefeito em 1982, marcam a fase anterior à dedicação exclusiva a arte, que sempre falou silenciosamente mais alto para esse artista nascido no Largo do Chafariz. A intuição - "os fatos empíricos da minha vida que acontecem" - o retirou da arquitetura, da movelaria e o colocou na escultura artística da madeira. Passou quatro anos no Japão para aprender técnicas e conceitos milenares dessa arte. Artista talentoso, estreita vínculos com intelectuais e grandes nomes das artes plásticas brasileiras. Mas, como artista renomado, faz questão de lembrar suas origens e se apresenta como Ito de Taubaté, conforme depoimento exclusivo dado a Ana Lúcia Vianna

“**C**onsidero-me operário da madeira. Desde cedo já construía os carrinhos de rolemã. Começava ali meu contato com trabalho manual, mas não pensava em ser artista. Bebi da fonte, sou resultado do meio onde vivi. Nasci em Taubaté, no beco do Largo do Chafariz e por ali cresci, convivendo com [os escultores] Ronconi e Zé Demétrio e as figureiras da Imaculada. Rondava pela fábrica de ladrilhos hidráulicos do Raimundo embebendo suas cores e desenhos geométricos; pela oficina do Pixico e dos ferreiros Otávio e Sebastião, fascinado pelas ferramentas e pelo ferro em arte. A feira da Breganha (Barganha) era o território de aulas da arte popular onde meus olhos aguçados buscavam valores e reconheciam a habilidade das mãos nos trançados das cestarias de taboa do mercado.

Tornei-me andarilho em busca de novos conhecimentos e segredos do Vale. Em Cunha, vivenciei a cerâmica; em Paraty, suas canoas; e em São Luís, seu folclore de fé. Aprendi com os índios da Juréia e do Nordeste a tratar, para usar corretamente, as nossas sementes. Aprendi, também, a admirar a cultura mais pura do nosso povo, aumentando minha necessidade de contato com a natureza. Pois fomos educados a ler e escrever e não a olhar, ver e enxergar.

Sabia, contudo, que não poderia depender apenas do empirismo e do autodidatismo, fosse na carpintaria, na marcenaria ou na arte de esculpir a madeira.

Valorizo muito o estudo porque me aproxima de amigos, professores e outros artistas como Rubens Matuck, meu professor que cedo identificou minha alma de bugre, e Aldemir Martins, meu pai artístico. Formado e já casado, parti para o Japão. Minha mala estava repleta de ferramentas, muitas delas primitivas ou tipicamente brasileiras como o enxó. Lá fiquei durante quatro anos, deixando no Brasil dois filhos, Cainã (*Morador da Mata*) e Luara (*Primeiro Raio da Manhã*) que só foram ao meu encontro nove meses depois.

Minha mulher e companheira Antonieta, entre idas e vindas ao outro lado do mundo, levava-me cola de pele, verniz, tintas e outras ferramentas, arriscando-se a ser presa na alfândega japonesa. Os japoneses são muito rigorosos com matérias primas exóticas. Ganhiei muito prestígio e reconhecimento por lá.

Na volta, passamos pelo Peru onde, ao ver a cabeça e a cauda de um galo esculpido num conjunto de toras de madeira de 20 metros de altura, compreendi qual seria o caminho a trilhar. Qualquer indefinição de vida acabara ali. Meu mundo era aqui e agora, glorificando a obra que falava por si.

Voltamos e nos fixamos em Quiririm, onde estamos criando nossos filhos, vivendo entre árvores, madeiras e nossos cães. A família é essencial para que o artista consiga se realizar na sua plenitude. A arte é presença de espírito.

O trabalho tem de ser prazeroso, impor respeito por si só, gerar disciplina e resultar em uma peça sem erros, beirando a perfeição e que seja reconhecida mesmo sem a própria assinatura do artista. Sua criação inicia-se no subconsciente e no imaginário. Atualmente, desenho em qualquer papel o que me sensibiliza e que pretendo transportar para a madeira. São 40 a 50 rascunhos até alcançar meu objetivo. Quando está pronta a peça? Não sei... Acredito que é quando bate aquele vazio que só é preenchido pela perspectiva de iniciar uma nova peça.

Há 30 anos recolho madeira em construções, lixões e na natureza, procurando lhe dar outra dimensão, movimento e vida. Sou protegido por Oxossi, guardião das florestas que faz com que a madeira venha até mim.

Trabalho escutando rádio AM, da Rádio Cacique e da Band, diariamente. Durante nove meses fico produzindo e nos demais saio à procura de materiais viajando por muitos recantos. Sou produto do meio, um matuto. Minha arte é feita com alma e tem minhas marcas. Faço apologia e glorifico a natureza. Meu único receio é adoecer e não poder continuar arrojando. O artista, para sobreviver, não pode desistir de sua paixão, embora saiba que sua arte tem sobrevida maior.



**O desbravador e o progresso
industrial, símbolos
inseparáveis da metrópole
que apaga 362 velinhas**

CIESP

Taubaté



Zé Demétrio - escultor

"Construí um canteiro de obras"

Por Paulo de Tarso Venceslau

Zé Demétrio não descobriu a escultura. Foi a arte que o descobriu aos 5 anos de idade quando ajudava seu pai na produção de imagens de barro, em São Luiz do Paraitinga, no bairro do Caetano. As imagens eram de santos da Igreja Católica. "Eu azucrinava meu pai que me mandava embora da oficina. Mas eu queria fazer aquilo (imagens de barro)", conta o escultor que acabou construindo um canteiro de obras

A persistência de Zé Demétrio foi compensada alguns anos depois. Muitos clientes preferiam as peças de Santo Antônio, São João, São Pedro e figuras feitas por aquele menino de apenas 9 anos. "A gente vendia as peças na feira livre de São Luiz lá pelos idos do final de 1940. Mas as imagens de presépio eram feitas só pelo meu pai", recorda Demétrio.

Foi nesse período que a família mudou-se para Pindamonhangaba. Eram tempos difíceis. As imagens de barro não rendiam o suficiente para sustentar todos. Só melhorou quando seu pai conseguiu um emprego de oleiro na cidade vizinha de Taubaté. A produção de telhas rendia muito mais. As figuras transformaram-se em complemento de renda familiar.

Até hoje, ele não sabe qual foi a força que o moveu em direção a Taubaté. "Eu tinha apenas 14 anos quando abandonei família em busca de um emprego. Trabalhei na Juta, na CTI (Cia Taubaté Industrial), em frigoríficos e outros mais". Essa experiência de vida o fez incorporar imagens que reproduziam o trabalho. As imagens de trabalho cotidiano aparecem desde cedo na sua produção artística. Demétrio acredita que foi o início de um trabalho consciente e comprometido com as causas sociais.

Outro salto foi provocado pela descoberta de artistas taubateanos como Mestre (Sebastião) Justino (de Faria) e Anderson Fabiano, principalmente. Demétrio aproximou-se de Justino. Tornaram-se amigos inseparáveis até sua morte prematura.

Anderson Fabiano, ele conheceu na rua. Admirador de sua obra, Demétrio saiu correndo atrás do artista quando reconheceu o pintor. Ao aproximar-se de Fabiano, ouviu uma frase que nunca mais esqueceu: "Esqueci a carteira e por isso não tenho nenhum dinheiro comigo". Fabiano achava que aquele moleque o estava assaltando. Passado o mal-entendido, Demétrio convenceu-o a conhecer suas peças esculpidas em barro. "Fabiano ficou empolgado", recorda o escultor.

Esses novos conhecimentos abriram-lhe as portas para o incipiente mercado de arte local. "Em pouco tempo, passei a ser procurado por figuras ilustres interessadas em adquirir minhas peças. Dr. Patto, professores como Fábio Moura, Jerônimo de Souza e Maria Morgado de Abreu, Carlos Mattos de Carvalho e dr. Venceslau, entre muitos outros, transformaram-se em clientes regulares" relata Demétrio.

O artista recorda também que desde essa época "minhas obras tinham os pés em Taubaté. Mas eu já tinha uma visão mais universal da arte. O resultado de minha produção eram imagens de trabalhadores - colhedores de café, de arroz, tropeiros, vendedores de queijo, de frango -, principalmente os trabalhadores rurais que povoavam minha mente, sem deixar de lado os trabalhadores urbanos. Para mim essas figuras são uma questão de raiz que permanece até hoje em minhas obras. Minha identidade com Taubaté estreitou meus compromissos com os trabalhadores".

Mas, para sobreviver, muitas vezes Demétrio foi obrigado a fazer imagens sob encomenda. "Fui chamado muitas vezes pelo dr. Patto, dr. Meirelles ou dr. Jorge Motta para retratar figuras mar-



cantes que os procuravam em seus consultórios, para transformá-las em esculturas. Aliás, as imagens de minha avó, um tipo muito interessante, eu vendi todas", conta o artista.

O desafio maior, porém, ainda estava para vir. Nos anos 1970, começou a ensaiar a produção de peças maiores, a pedido de órgãos públicos interessados em adquirir esculturas especiais. Venceu o primeiro concurso público para confeccionar o busto do cônego José Luiz Ribeiro que o então prefeito Jaurés Guisard colocou na praça da Igreja da Vila das Graças e está lá até hoje.

Em 1972, o arquiteto Antônio Carlos Farias Pedrosa o levou para Guaratinguetá para esculpir o conjunto de garças, símbolo da cidade e a figura estilizada de Ícaro, em homenagem à Escola de Especialistas da Aeronáutica. Em São José dos Campos, fez o busto do brigadeiro-do-ar Casimiro Montenegro Filho, idealizador e criador do CTA - Centro Tecnológico da Aeronáutica - e do ITA - Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Depois, vieram grandes esculturas como a de escravos, em Redenção da Serra; do bandeirante, em Taubaté; do caçara, em Ubatuba; entre tantas outras.

Zé Demétrio faz questão de ressaltar que seu elo com Taubaté sempre foi permeado por uma consciência social e política constante e uma influência muito grande de artistas como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Fídias e outros. "Essas influências você vai encontrar nas figuras que retratam a mendicância, os catadores de papel e assim por diante. Os romeiros em frente a Basílica de Aparecida são figuras de barro em uma escala bem maior. São as minhas raízes falando mais alto. Nunca rompi com minha identidade regional".

Finalmente, para seu sentimento de artista tão influenciado por Taubaté no seu 362º aniversário, Demétrio relata um rápido diálogo com o jornalista Camões Filho, quando este lhe perguntou o que ele pretendia com sua arte. "Fazer um canteiro de esculturas. Creio que consegui".



viapol
impermeabilizantes

Visite nosso site: www.viapol.com.br

Construindo ou reformando
a Viapol tem os melhores produtos para proteger sua obra!



Uma escolha inteligente!

Representante - Mercado Técnico
Vale do Paraíba
(12) 9782-4919
e-mail: walegre@uol.com.br



Taubaté no espelho

Por José Carlos Sebe Bom Meihy

Aresso às alternativas, o clamor local exige que não dispense-mos a simpatia pelo locus de origem. Ser taubateano, ou integrar a comunidade taubateana, é um apelo inerente a quem desenvolveu afetos a essa terra. Nem é preciso ter nascido na seara de Lobato para se assumir “nativo”. A adesão voluntária é, talvez, uma das marcas mais pujantes da opção identitária. Mas, pergunta-se: como se constitui esta identidade taubateana? As respostas, em plúrais históricos, se montam de maneira a identificar um passado glorioso que nos faz vibrantes frente à intrepidez de velhos bandeirantes, de formidáveis fazendeiros de café, de políticos expressivos. Em páginas mais recentes, há um fator que chama a atenção de quantos contemplam Taubaté na pauta nacional: nossas manifestações artísticas.

Grosso modo, pode-se dizer que somos conhecidos por três gêneros artísticos: artes plásticas – pintura e escultura – e música. Para quem é familiar a Taubaté, fica fácil imaginar a presença das cores e a sutileza das formas em quantos se expressam pela pintura. Em termos de pintura, contudo, faz-se necessário sublinhar algumas manifestações que se alongam em preferências ou escolas. Numa busca de raízes recentes, cabe matizar uma figura que foi catalisadora de simpatias e pela competência na arte se tornou uma espécie de modelo.

Creio que não seria errado dizer que Anderson Fabiano foi uma espécie de matriz de tantos pintores e escultores importantes que surgiram a partir da década de 1960. Dono de traços formais, mas também variando para a abstração, Fabiano marcou uma primeira geração de taubateanos pintores e escultores que ganharam a cena nacional. Pode-se dizer que, a partir dele, Taubaté gerou artistas que assumiram linhas arrojadas e se definiram em escolas diferentes. De um lado, expressões modernas como Régis Machado, que se tornou um dos melhores do concretismo brasileiro, conviveu com Adão José dos Santos e Sebastião Justino Faria (Mestre Justino) que foram notáveis no naif e no que pode ser considerado “modernismo caipira”.

Adão José dos Santos trouxe da sua cidade natal, Redenção da Serra, as cores genuínas do que poderia ser identificado como o mais autêntico naif brasileiro. Do mato para a cidade, frente aos seus quadros, não há como deixar a evocação de quem soube naturalmente misturar tendências “primitivas” com formas locais. Paisagens e a cultura popular em diferentes contornos e manifestações tornaram-se temas de sua profícua produção. Mesmo dizendo-se autodidata, a memória de toda uma tradição de pintura o justifica como um dos catorze melhores pintores primitivos do Vale. Memória realmente é uma designação perfeita para este pintor que se expressa com o que de melhor guardou em termos de estetização da vida folclórica local.

Ainda que Mestre Justino, como é conhecido, seja identificado como “o nosso Portinari”, não seria errado aproximá-lo de uma linhagem que “transcria” traços de Van Gogh. A firmeza de seus contornos, a densidade de tinta usada em suas figuras, a rapidez das linhas, tudo provoca evocações do grande mestre holandês. Sem negar resistência a um formalismo sofisticado de matizes europeus, Justino conseguia incorporar motivos locais capazes de confundir analistas da pintura. Uma das características mais prezadas do mestre Justino é a recriação dos personagens do universo de Lobato. Aliás, a ele devemos muito do imaginário fixado sobre os tipos do Sítio do Pica-pau Amarelo. No-

tável é que no final da vida esse grande pintor, a exemplo de um Goya desiludido, produziu uma memorável série de figuras escurecidas que se comportaram como um fatal adeus à vida.

Ainda no território das artes plásticas, cabe saudar duas expressões que dignificam a escultura brasileira: José Demétrio e Fernando Ito.

Demétrio parece ter nascido como uma materialização da arte derivada do barro. Tão natural foi sua realização como escultor que não se pode definir iniciações. Desde garoto, vendendo peças em feiras regionais, Demétrio se caracterizou por viver da arte. Mais tarde, já em Taubaté, aproximou-se de Anderson Fabiano, que lhe estendeu a mão e transformou-se em seu mecenas. Causa admiração profunda a análise da produção dos tipos sociais esculpidos por Demétrio. Como um denunciador das condições de trabalho, as figuras de lavradores, operários, lavadeiras, feitas por Demétrio desafiavam análises que aproximam a arte do grito social.

De formação universitária, Fernando Ito fez uma carreira que o distingue dos demais. Seria, contudo, um equívoco isolá-lo da linhagem dos destes artistas que o precederam. Ainda que moderno, se reparte entre Taubaté e o mundo. O uso de materiais locais, em particular o aproveitamento de madeira e restos de construção, o implica numa capacidade de transformação em que o artístico é talhado no material local e tudo sem deixar o âmbito nacional. Ito, hoje expressão brasileira, dignifica o que de mais intenso existe como mestiçagem. Seus filhos ganharam nome indígena juntado ao sobrenome japonês; sua arte, apreendida também com os índios, ganha um sentido moderno onde a diversidade das formas coloca em questão o próprio conceito de escultura. E tudo filtrado pelo significado de Taubaté na cultura do país.

Mas, que seria de Taubaté sem música e sem seus intérpretes? Aqui sim, temos polarizadas duas tradições que nos caracterizam: de um lado, a beleza da música erudita assumida por Dona Geni Marcondes e, na outra ponta, a síntese da alma caipira expressa por Renato Teixeira. Não bastasse, cabe o registro aos irmãos Campello que fixaram o rock no Brasil. Celly e Tony foram, sem dúvida, as queridas expressões da Jovem Guarda.

Dona Geny, típica “mocinha do interior”, aprendeu com sua mãe um pouco de música e muito da vida. O maestro Fêgo Camargo aprofundou o conhecimento musical e lhe abriu caminho para de Taubaté ela sair para o mundo. Não se contentando em interpretar músicas, tornou-se também artista e compositora conhecida.

Renato Teixeira dispensa todos os comentários. Assim como Rita Lee é a melhor tradução da paulistanidade, Renato Teixeira ampliou Taubaté como sinônimo de um mundo caipira/brasileiro feito com o melhor da tradição e a singeleza da alma rururbana. Renatinho, em cada nota musical, recompõe um espaço imaginário que dinamiza a saudade de uma terra que nunca deixou de ser o que lhe é essencial: a combinação nostálgica do velho com o desafiante novo.

Olhando no espelho do tempo, juntando esses fragmentos amorfos, temos hoje uma Taubaté que nos dá uma cara e devolve-nos uma identidade. Se somos algo, nossas expressões em cores, formas e sons nos recompõem como convivas de uma festa da qual somos nós mesmos as cores, as formas e os sons legados por quem nos é.

Expediente

Diretor de Redação
Paulo de Tarso Venceslau

Colaboradores
Ana Lúcia Vianna
José Carlos Sebe Bom Meihy
Pedro Rubim

Regina Morgado
Ya San Levy

Designer Gráfico
David Nell

Revisão
Oscar Sachs
Betí Cruz



Parabéns a Taubaté pelo seu 362º aniversário

A TIQ Brasil está envolvida com projetos culturais, sociais e ambientais, entendendo que a integração é a melhor forma de contribuir para a evolução de sua região.



ISO 9001 / ISO 14001 - RESPONSABILIDADE SOCIAL

TIQ BRASIL - TREMEMBÉ INDÚSTRIAS QUÍMICAS - Rua Maria do Carmo Ribeiro, 705 - Tremembé - Tel.: 12 3607.5252 - www.tiq.com.br